

O simples enunciado dos capítulos indica o grande entrosamento feito pela autora entre a História, a Geografia, a Economia e a Sociologia, integrando as várias ciências do homem. Assim, preocupou-se com a localização espacial de uma atividade econômica, com as relações de trabalho por ela criadas e desenvolvidas, com a comercialização da produção e com as relações entre a atividade produtiva e a ação governamental. Vê-se, assim, que neste ensaio a história é estudada não como um preciosismo cultural, mas como uma ciência dinâmica que analisando o passado fornece subsídios para o conhecimento do presente e para a preparação do futuro. — *Manuel Correia de Andrade.*

NECROLÓGIOS

FERNANDO DE OLIVEIRA MOTA — (1916-1967)

Vitimado por colapso cardíaco, faleceu em Caracas, em julho, o prof. Fernando de Oliveira Mota, professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco.

Nascido a 16 de abril de 1916, iniciou Fernando Mota seus estudos no Seminário de Olinda, transferindo-se para o Colégio Salesiano para finalmente se licenciar pela Faculdade de Filosofia desta Universidade.

Com uma orientação inicial neotomista, Fernando Mota foi evoluindo para um espiritualismo à moda de Farias Brito, para finalmente, assumir uma posição eclética perante as diversas posições filosóficas. E, ao ingressar em 1949, na Faculdade de Ciências Econômicas, seu contato com realidade econômica o foi conduzindo para posições que, mais tarde, qualificaríamos de prêmoxista.

Estreou Fernando Mota como ensaísta ao publicar, em parceria outro trabalho, "Afirmações Brasileiras", numa edição dos controvertidos "Cadernos da Hora Presente".

Ainda, em 1939, Fernando Mota estreou no teatro com a comédia "O Conflito", 1.º prêmio de um concurso de peças para operários, instituído pela Prefeitura Municipal do Recife. Anos depois, retornaria Fernando Mota ao Teatro com a discutida "Pala-hi".

Todavia, seria a monografia sobre Farias Brito o trabalho que o projetaria como historiador da filosofia e particularmente das nossas investigações filosóficas. Anunciava sempre Fernando Mota uma "Pequena História da Filosofia" que, já no ano de 1939, se encontrava esboçada em alguns capítulos. E em 1940, quando publica o seu "Manual de Sociologia", invoca, como pretexto a sair, a "Pequena História da Filosofia".

Falando no Manual de Sociologia, o saudoso mestre imprimia em 1940, a "Introdução à Sociologia" que se transformaria em livro de texto para nossa geração, então cursando o famoso curso "pré".

Ao se doutorar em filosofia, talvez o único doutoramento que se realizou até hoje numa Faculdade de Filosofia em Pernambuco, Fernando Mota apresentou a monografia "O Problema do Conhecimento". E ao se candidatar a disputar conosco a cátedra de Sociologia Educacional do Instituto de Educação, o ilustre mestre apresentava-se com a magnífica contribuição, "Educação e Democracia".

As incursões literárias sempre o tentaram; dessa fase, "Aspectos Linguísticos do Nordeste" e "A Outra Face de Eça".

Deixou Fernando Mota inédita uma biografia de Bolívar e os romances "Prometeu" e "Fandango".

Em 1949, em virtude da então recente reforma curricular, o Prof. Duarte Dias recrutou para os quadros docentes da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife diversos jovens professores: Fernando Mota, Arnóbio Graça, Pinto Ferreira, Mario Lacerda, Lourival Vilanova, Newton Sucupira e Gláucio Veiga. Daí em diante, Fernando Mota irá se dedicar exclusivamente aos problemas econômicos, particularmente, os da região.

Ingressando no Banco do Nordeste e, logo depois, na SUDENE, dedicou-se inteiramente à nossa região e aos seus problemas. E de sua maravilhosa experiência resultaram dois livros definitivamente incorporados à economia brasileira: o Manual de Localização Industrial e o Manual de Desenvolvimento Econômico.

O primeiro representa os resultados de seu estágio nos EE. UU. na Uni-

versidade de Pennsylvania e no Middlewest Research Institute, em Kansas City. O segundo a cristalização de sua atividade de docente.

Seu último esforço e sacrifício pelo Nordeste foi quando mobilizou a luta em favor da manutenção dos incentivos dos arts. 34/18, através do Instituto de Ciências Políticas e Pesquisas Sociais, culminando num seminário na Faculdade de Ciências Econômicas com a presença de quase todos os governadores da região. Já estava marcada a data do seu embarque para Caracas onde cumpriria missão do BID e onde marcou encontro com a morte.

Pediu-nos encarecidamente que antecipássemos o seminário e em mobilização para a defesa dos arts. 34/18; queria estar presente e também falar e debater. Debateu e falou até às vésperas de uma viagem sem retorno.

Na ante surpresa da morte, preparou para o recente livro do Prof. Manoel Correia sobre polos de desenvolvimento, excelente prefácio onde retoma o problema dos polos em visão ampla. Foi, ao que parece, seu último trabalho e quis o destino que esse prefácio se transformasse numa despedida ao seu estado natal, aos amigos e alunos.

Se na terra somos apenas hóspedes e viajantes, Fernando Mota foi "homo viator" de um tipo especial: sua inteligência deixou rastro luminoso e sua consciência, exemplo de dedicação — *Gláucio Veiga*.

JORGE AHUMADA

Aos 48 anos, faleceu no findar de 1965 o economista chileno Jorge Ahumada. O registro aqui feito, se bem que tardio, reflete, de qualquer maneira, o apreço em que o ilustre mestre era tido no Brasil.

Todos aqueles que passaram pelos primeiros cursos da CEPAL tiveram o prazer de ouvir a sua palavra. Integrante da CEPAL desde os primeiros momentos, em 1950, dedicou-se Ahumada, a partir de 1952 até 1961 aos cursos de capacitação e formação de economistas. Suas aulas, mimeografadas em castelhano ou traduzidas no vernáculo, correm nas mãos de economistas, professores e estudantes numa marco de indelevel perpetuidade do seu grande espírito.

Integrante do Comitê redacional de *El Trimestre Económico*, muitos dos seus trabalhos foram divulgados nessa importante publicação.

Ao falecer Ahumada estava trabalhando para o Fundo Monetário Internacional. Ninguém foi mais latinoamericano do que ele e ninguém mais modesto e trabalhador — *Gláucio Veiga*.

CENTENÁRIO

"DAS KAPITAL", CEM ANOS

As duas da madrugada de 16 de agosto de 1867, Marx acabara de rever a última prova de seu livro fundamental e escreveria a Engels: "O prólogo foi devolvido ontem corrigido. Portanto, este tomo está pronto".

Daí em diante, a correspondência de Marx com os amigos e, principalmente, Engels, vai girar em torno do lançamento de "Das Kapital". E as reclamações contra o editor Meissner irão se acumulando. Em setembro, Marx informa a Engels sobre a devolução de todas as provas, devidamente corrigidas. Gostaria que o livro fosse lançado durante o Congresso de Lausanne. Não o foi, todavia.

Por fim, em outubro, "Das Kapital" encontra-se nas livrarias. Agora, na correspondência de Marx aparece sua ansiedade pela repercussão da obra. E Engels, fielmente, começa a enviar os primeiros registros.

Cem anos, portanto, passados. A partir daquele outubro de 1867, quando o livro espalhava-se mansamente pelas livrarias e a censura alemã se aprestava para as primeiras providências confiscatórias, ninguém poderia se aperceber, nem dimensionar, mesmo de maneira vaga, o impacto do livro sobre a cultura européia.

Como todo livro traumático, "Das Kapital", longe de ser obra de encontro, foi e continua a ser livro de *desencontros*. Sob sua égide constituiu-se um regime que elaborado pelo romantismo de Lenine, seria distorcido pelo ditadura stalinista.

Invocando textos idênticos, seus discípulos se desavieram em interpretações opostas. Cada um se julga, ainda, detentor da melhor fidelidade ao seu pensamento; cada um, até mesmo nas aparentes heterodoxias, julgam-se, no fundo, retílicos ortodoxos.

De Keynes, alguém disse que foi pequena xícara de café: se não alimentou, pelo menos excitou a todos. Marx, alimentou e excitou.

Como teria sido recebido nos últimos meses de 1867 pela crítica, "Das Kapital"? O primeiro registro, sem assinatura, surgiria em "Die Zukunft", em 30 de outubro. Prendia-se a considerações gerais sobre Marx e afirmava que na Alemanha não havia economistas capazes de refutar os argumentos de "Da Kapital". Posteriormente, descobriu-se que o artigo fora por Engels redigido.

A segunda nota bibliográfica aparece no "Elberfelder Zeitung", no dia 2 de novembro, anônima. Também foi escrita pelo amigo fiel.

Em 1.º de novembro, o terceiro registro, agora, de autoria de Kugelman: estampava-o o "Deutsche Volkszeitung", em 10 de novembro. Ainda no expirante 1867, apareceram mais de seis registros, todos de autoria de Engels — a maior parte — de Kugelman, todos também anônimos. Apenas o artigo de Siebel no "Barmer Zeitung" surge assinado.

Em resumo, o forcejo do livro ia sendo praticado pelos amigos fiéis. Como empresa econômica, a edição não era sucesso. Após o primeiro ano da publicação, o livro não havia gerado qualquer parcela de lucro para seu autor.

Em 1870, o evento da Comuna de Paris irá aumentar as vendas e, em 28 de novembro de 1871, o editor poderia comunicar a Marx que restavam em estoque, apenas, 50 exemplares. E anunciava que Marx devia preparar a segunda edição do livro.

Enfim, em 1872, Marx faria suas contas com o editor: seu lucro pela edição inicial fora de 60 libras esterlinas, correspondendo, segundo um de seus biógrafos, praticamente, ao seu salário como correspondente do "New York Daily Tribune", dos Estados Unidos.